

guerreiro dos sonhos

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Prólogo

VIRIAM buscá-lo.

Cratos erguia-se no topo do ponto mais alto do Olimpo, fitando o belo pôr do sol. Faixas de cores quentes cortavam o céu que escurecia, fazendo-o pensar numa brilhante opala de fogo que cintilava e tremeluzia. Em parte alguma era mais impressionante do que ali, e ele queria testemunhá-lo uma vez mais antes de se entregar ao seu merecido castigo.

Não pediria clemência. Não valia a pena. Conhecia, melhor do que qualquer outro, a ira de Zeus. Durante séculos fora o martelo do deus olímpico, aplicando a sua justiça.

Agora, a justiça ser-lhe-ia aplicada a ele.

— Foge e fugirei contigo.

Baixou os olhos para a pequena forma da sua irmã, Nice. Enquanto as suas asas eram pretas, as dela eram de um branco puro. O seu cabelo, escuro e encaracolado, estava entrelaçado com um fita branca que combinava com o seu vestido. Personificação da vitória, fora sua cúmplice durante toda a vida.

Eles, juntamente com o seu irmão e irmã, tinham sido as sentinelas de Zeus. Guardiães queridos, tinham sido amados pelo pai dos deuses, mais do que este amava os seus próprios filhos. Até Cratos ter cometido um pecado imperdoável — poupou uma vida que devia ter tirado. Não

lhe cabia questionar o seu senhor, apenas fazer o que este lhe ordenava. Continuava a não compreender porque o fizera. Os deuses bem sabiam que a compaixão era uma emoção que lhe era estranha.

No entanto ali estava ele...

Está na hora de morrer.

Cratos suspirou, cansado.

— Não te posso pedir isso, *akribos*. Continuas a ter o favor de Zeus. Não arrisques isso por causa de mim. Além disso, ninguém consegue escapar à justiça olímpica. Sabe-lo tão bem como eu. Encontrar-me-ão, não importa onde me esconda.

Nice tomou-lhe a mão e encostou-a ao rosto.

— Sei por que o fizeste e respeito-te por isso.

E isso nada mudava.

O que estava feito, feito estava. Agora, não lhe restava outra alternativa que não fosse o castigo.

Afastou os olhos do Sol para a ver de relance, erguendo-se ao seu lado com o seu belo rosto encostado, ainda, à palma da mão entorpecida dele. Durante toda a eternidade, ela fora a única pessoa em quem confiara realmente. A sua irmã de olhos azuis, perturbadores e pálidos, cuja coragem e lealdade não tinha igual. Por ela, faria qualquer coisa.

No entanto, não a sacrificaria por causa da sua própria estupidez.

— Fica aqui, onde é seguro.

Ela agarrou-o com mais força.

— Preferia estar contigo, irmão. Até ao fim, como sempre.

Cratos afagou-lhe a face, ternamente, antes de afastar a mão e baixar os olhos para o local onde os templos dos deuses se aninhavam, como ovos incrustados de joias, entre a folhagem sempre verde.

— Fica aqui, Nice... por favor.

Nice acenou com a cabeça, mas ele viu a relutância nos seus olhos.

— Só por ti.

Oferecendo a Nice o seu elmo dourado, para que o pudesse guardar como recordação das batalhas que tinham travado juntos, Cratos beijou-lhe a testa antes de começar a descer a montanha, dirigindo-se para

o salão dos deuses. Sentindo o seu escudo gravado tão pesado quanto a sua consciência, apoiou-se na grossa lança para se manter firme no seu caminho.

Como prometera, Nice ficou para trás, mas Cratos sentia o seu olhar pousado em si enquanto andava. A proposta que ela lhe fizera para que fugissem assombrava-o. No entanto, não fazia parte da sua natureza fugir ou submeter-se a alguma coisa. Era um guerreiro, e não conhecia outra realidade. Era só para isso que vivia.

Lutaria até ao fim.

Mais do que isso, recusar-se-ia a dar aos seus inimigos a satisfação de o arrastarem, acorrentado, até à presença de Zeus. Vivera a sua vida erguendo-se sobre as suas duas pernas, e morreria da mesma forma.

Só. Sem estremecer, sem implorar e sem medo.

Era, na verdade, um fim adequado. Depois das vidas que, displicentemente, tirara em nome de Zeus, aquela seria a sua penitência.

Fez uma pausa em frente às portas que o conduziriam ao local onde os deuses estavam reunidos. Cem mil vezes andara ali, entre eles.

Mas aquele dia seria o último.

De cabeça erguida, empurrou as enormes portas de ouro. Mal o fez, o silêncio abateu-se sobre o salão, ao mesmo tempo que todos os presentes sustinham a respiração, esperando para ver como Zeus o castigaria.

Zeus ficou imóvel no seu trono, os olhos escuros e ameaçadores. O olhar de Cratos deslizou para o lado direito do estrado, onde ele próprio se erguera durante todos aqueles séculos.

Aquele não mais seria o seu lugar.

Inspirando fundo para ganhar coragem, largou o escudo logo à entrada. O som, oco e metálico, ecoou ruidosamente no silêncio, dando voz ao vazio no interior do coração de Cratos.

Ainda assim, ninguém se mexeu.

Nem mesmo os vestidos das mulheres se agitavam.

O seu olhar fixou-se, determinado, no de Zeus; ergueu a lança sobre o ombro e lançou-a com força, enterrando-a na parede logo acima da cabeça de Zeus — um derradeiro ato de desafio que levou todos os deuses presentes a arquejarem de choque.

Cratos ergueu a espada acima da cabeça e atirou-a para os pés de Ares. Em seguida, removeu o seu arco e flecha, que entregou a Ártemis. A cada passo que dava em direção a Zeus, retirava mais um pedaço de armadura e deixava-a cair no chão de mármore, onde retinia ruidosamente. Primeiro os braçais, depois as grevas, a couraça e, por fim, o cinto blindado.

Quando chegou junto de Zeus, não envergava mais nada para além do pano de linho castanho que lhe cingia os rins. Encolheu as asas e baixou a cabeça em silenciosa submissão ao rei dos deuses.

A praga de Zeus ribombou antes de o deus ter retirado um relâmpago da sua aljava brilhante e o ter usado para bater no rosto de Cratos.

Cratos sentiu o sabor do sangue, quando o olho e a face rebentaram com uma dor latejante. Tapando o rosto com a mão, sentiu o sangue quente, que jorrava da ferida, a deslizar por entre os dedos.

— Como te atreves a vir aqui depois do que fizeste?! Ninguém me desafia!

O golpe seguinte desequilibrou Cratos e lançou-o a deslizar pelo chão. O mármore frio arranhou-lhe a pele e feriu-lhe os músculos.

Foi parar aos pés de Apolo. Baixando os olhos em sinal de repugnância, o deus fitou-o com um ar de desdém antes de recuar, afastando-se da linha de fogo de Zeus.

Cratos limpou o sangue da face, que pingava do seu rosto para o chão, antes de se erguer.

Não chegou a completar o movimento.

Zeus empurrou-lhe as costas com um pé e prendeu-o contra o chão, de barriga para baixo.

— Desobedeceste-me. Quero que implores pela minha misericórdia.

Cratos abanou a cabeça, recusando-se.

— Não imploro por nada.

Zeus pontapeou-o e enterrou um relâmpago no seu ombro, prendendo-o ao chão. Cratos gritou devido à agonia penetrante que pulsava a cada batimento do seu coração.

— Cão insolente. Atreves-te a desafiar-me, mesmo agora?

— Não irei... — as suas palavras deram lugar a um rosnydo, quando Zeus lhe espetou um relâmpago no flanco e outro no ombro.

Erguendo o lábio num esgar, Zeus recuou. Varreu os deuses ali reunidos com um olhar imperioso.

— Algum de vocês está disposto a falar em defesa deste verme desafiante?

Com o seu olho incólume, Cratos fitou os seus irmãos.

Um a um, todos lhe viraram a cara. Hera, Afrodite, Apolo, Atenas, Ártemis, Ares, Hefesto, Posídon, Deméter, Hélio, Hermes, Eros, Hipno... etc.. No entanto, os que mais o magoaram foram a sua mãe e os seus irmãos, Zelo e Bia.

Recuaram e afastaram o olhar, envergonhados.

Assim seja.

No seu coração, sabia que Nice teria falado por ele. No entanto, ela acatara o seu pedido e deixara-se ficar para trás.

Zeus perfurou-o com mais um relâmpago que, provavelmente, também se teria revelado doloroso, caso o seu corpo fosse capaz de sentir mais dor do que a que já sentia.

— Parece que nenhum dos presentes quer saber de ti.

Que grande surpresa. Cratos riu, cuspidando sangue, ao recordar o dia em que tinha obrigado Hefesto a acorrentar Prometeu a uma rocha, como seu castigo eterno. O deus mostrara-se relutante em levar a cabo as ordens e apelidara Cratos de impiedoso por insistir em que levassem a cabo a ordem desumana de Zeus.

Cratos, por seu lado, troçara da compaixão fraca de Hefesto. Dissera ao deus que era melhor ser o castigador do que a vítima.

Agora era a sua vez de sofrer. Não era de admirar que ninguém estivesse disposto a falar por ele.

Não merecia melhor do que isso.

Zeus levantou-o do chão pelo pescoço. Com todo o corpo entorpecido pelos relâmpagos que ainda lhe penetravam a carne, Cratos nada podia fazer para além de fitar o pai dos deuses.

— Estás disposto a pegar em armas e lutar por mim?

Cratos abanou a cabeça. Não voltaria a ser um cão sem vontade própria, que obedecia a todos os caprichos do seu mestre.

— Então sofrerás para toda a eternidade e implorar-me-ás, todos os dias, por misericórdia.

Capítulo

UM

Nova Orleães 2009

*Seis mil anos depois... Aproximadamente
(Mais ou menos uns quantos séculos...)*

DELPHINE parou para se situar, olhando à sua volta para os velhos edifícios com varandas de ferro forjado ou elaborados trabalhos em madeira, muitos dos quais tinham tábuas a tapar as janelas. Que estranha cidade... por outro lado, não estava habituada a percorrer o reino mortal senão através dos sonhos dos humanos. Aí, o mundo do Homem parecia completamente diferente.

O local, muitíssimo barulhento e luminoso, desorientava-a. Isso para não falar no cheiro pavoroso de algo que, pensou, talvez pudesse ser uma espécie de estrume...

Saltou quando um som, alto e rude, a sobressaltou, enquanto um carro passava por ela a acelerar.

Fobos agarrou-lhe no braço e puxou-a para o seu lado, no passeio irregular.

— Tem cuidado. Se um carro te atingir, magoar-te-á.

— Desculpa. Não estava a prestar atenção.

Fobos acenou com a cabeça, antes de olhar de relance para a rua, onde vários carros se encontravam estacionados, em frente a uma fila de casas tão próximas umas das outras que ela se perguntou se não partilhariam uma parede comum.

— A oficina deve ser aquela, além.

Delphine olhou na direção para onde Fobos apontava. Landry's Garage, Detail and Repair.

— Tens a certeza de que ele está ali?

Fobos dirigiu-lhe um olhar divertido.

— A minha dúvida não é em relação à sua presença, mas sim à forma como nos irá *receber*. Teremos sorte se ele não nos esventrar a ambos mais depressa do que Noir seria capaz de o fazer. — Limpou a testa com a mão, para remover parte da transpiração. No entanto, esta depressa foi substituída por mais.

Delphine nunca estivera num sítio tão quente em toda a sua vida. Pobre Fobos, completamente vestido de preto, também não estava propriamente preparado para o calor. Ele parecia tão infeliz com aquele calor como ela se sentia. Delphine sempre achara Fobos um dos deuses mais atraentes com o seu cabelo excecionalmente preto e as suas feições afiadas.

Alto e esguio, movia-se fluida e rapidamente. Algo que aterrorizava os seus inimigos e o tornava mortífero em combate. A sua função consistia em inspirar terror e, certa vez, ele e o seu irmão gémeo, Deimos, tinham espalhado o caos pelos antigos campos de batalha. Em séculos mais recentes, tinham-se tornado guerreiros às ordens das Fúrias, castigando todos os que provocassem os deuses.

Até há dois dias, quando tudo mudara...

Delphine estremeceu perante tal recordação. Embora não devesse sentir nada, ainda sentia um nó no estômago tal o horror que testemunhara. Ainda estava a tentar reconstruir o seu mundo depois do violento ataque de Noir.

— Diz-me lá outra vez, porque é que fomos escolhidos para isto? — perguntou-lhe ela.

— Não estávamos presentes quando Zeus o baniu e, por isso, ele não nos deve odiar tanto quanto odeia os outros deuses. — Fobos fungou, com ironia. — Mais importante ainda, fazemos parte dos poucos que não estão nem presos nem mortos.

Isso era reconfortante...

Bem, nem por isso.

E não significava, sequer, que Cratos estivesse disposto a ouvi-los, quanto mais a ajudá-los.

— Achas que temos alguma hipótese?

— Tanto quanto um pingente de gelo no equador. No entanto, Cratos vai buscar os seus poderes à mesma Fonte original que deu à luz Noir. Sem a sua presença na nossa equipa, estamos completamente tramados.

Delphine ainda não estava certa quanto à sua missão. Zeus enviara-os para implorar um favor a um ex-deus que, muito provavelmente, os esventraria mal se revelassem. Nunca se cruzara com Cratos, mas a sua terrível reputação era lendária.

Ele não sentia misericórdia por ninguém.

A sua brutalidade só era igualada pela sua determinação obstinada. Embora Zeus lhe tivesse manietado os poderes divinos, os outros deuses continuavam a temê-lo. Esse simples facto já dizia muito quanto à sua personalidade vencedora.

O próprio Hefesto a avisara de que não havia como dialogar com Cratos.

O tipo era furioso e mau.

E isso tinha sido antes de o seu castigo o ter enlouquecido.

— Tens a certeza de que não existe outra forma?

As feições de Fobos ensombraram-se.

— Metade dos teus irmãos estão mortos e, sempre que os meus saem, são atirados para a Idade da Pedra. Acredita em mim, arrastarmo-nos perante este idiota é a última coisa que quero fazer.

No entanto, era um mal necessário.

— Zeus é que devia estar a fazer isto — resmungou Delphine, ao mesmo tempo que limpava o suor da sua própria testa.

Fobos fungou.

— Queres ser tu a *dizer-lhe* isso?

Nem por sombras. O pai dos deuses não tolerava que ninguém o questionasse. Delphine semicerrou os olhos.

— Esta ideia brilhante foi tua, Fobos. Podes ir à frente.

— O que é que se passa contigo? Estás assustada?

Delphine dirigiu-lhe um olhar terrível. Sendo meio humana, tinha mais emoções do que a maioria dos Predadores de Sonhos, mas estes eram diminutos quando comparados com os da Humanidade.

— Se eu fosse capaz de odiar, provavelmente odiar-te-ia.

Fobos sugou a respiração por entre os dentes.

— Sabes, as mulheres tornam-se ainda melhores na cama quando estão furiosas e nos odeiam.

— Tendo em consideração que nunca tive relações sexuais com uma mulher, como é que queres que saiba? — Delphine empurrou-o ao de leve, pousando-lhe a mão no ombro para o fazer avançar. — Estamos numa missão, Dolofonos. Lembra-te que, se falharmos, o teu irmão gémeo morre.

— Acredita, não o esqueci. — Fobos atravessou a rua com determinação.

Delphine seguiu-o apesar do mau pressentimento de que não se conseguia livrar. Aquilo não ia correr bem. Ela sabia-o.

Entraram no escritório da oficina, onde encontraram uma menina que rabiscava uma folha de papel e uma mulher, na casa dos trinta, sentada atrás de uma secretária de metal amolgada. A mulher era bastante bonita, com pequenos olhos castanhos e cabelo escuro. O seu sorriso era caloroso, quando os viu.

— Posso ajudá-los?

Fobos passou por Delphine para se aproximar da secretária.

— Estamos à procura de um tipo chamado Cratos.

A mulher franziu o sobrolho.

— Não conheço ninguém com esse nome. Lamento. Talvez trabalhe na oficina ao fundo da rua.

Fobos coçou a cabeça, obviamente tão desorientado quanto Delphine.

— Sei com toda a certeza que ele trabalha aqui, nesta oficina. Acredite, as minhas fontes são infalíveis.

A menina limpou o nariz e empurrou um par de óculos com o nó do dedo.

— Eles perderam o amigo, mamã?

— Faz os teus trabalhos de casa, Mollie. — Voltou de novo a atenção para Fobos. — Olhe, lamento muito, mas nunca antes ouvi o nome Cratos. Já aqui trabalho há cinco anos e garanto-lhe que nenhum dos tipos que aqui trabalha tem esse nome. Não é propriamente um nome que se possa esquecer, sabe? — O telefone começou a tocar. Ela pousou a mão sobre o aparelho. — Há mais alguma coisa em que os possa ajudar?

— Não.

Fobos aproximou-se da grande janela que se abria do escritório para a oficina onde homens de fato de macaco cinzento e azul trabalhavam em vários carros.

Delphine seguiu-o e estacou ao ver o homem que procuravam.

Pelos deuses...

Era impossível não o verem.

Não era de admirar que se tratasse do deus do poder e que fosse filho da Arte da Guerra... Esse poder e esse caráter formidável corriam de todos os poros do seu corpo. Erguendo-se com bem mais de um metro e oitenta, o seu corpo ondulava com músculos bem definidos. Enquanto o observava, ele limpou as mãos com um pano azul-escuro. O fato de macaco cinzento estava aberto e as mangas tinham sido enroladas à volta da cintura esguia, deixando o tronco coberto apenas por uma *t-shirt* de alças, preta, que tornava os músculos ainda mais visíveis. Tatuagens pretas, tribais, decoravam os seus dois braços, dos pulsos aos ombros.

No entanto foi o seu rosto que a fez arquejar. Nunca vira homem mais belo, uma beleza maculada apenas pela cicatriz irregular que lhe corria pelo lado direito do rosto, da linha do cabelo até ao lóbulo da orelha. O olho direito estava coberto por uma pala preta e, tendo em conta a profundidade da cicatriz, perguntou-se se não teria perdido todo o olho aquando do ferimento que a causara.

Contudo, isso em nada prejudicava a sua beleza. Quando muito, aumentava-a e tornava o seu rosto ainda mais irregular. O cabelo preto como azeviche estava suado e encaracolava-se ao de leve em redor de um rosto que parecia ter sido cinzelado em aço salpicado de pelos escuros.

Um poder violento emanava de cada centímetro dele. Forte e letal, mostrava que ele devia estar num campo de batalha, de espada na mão, a matar e a estropear os seus inimigos, não preso numa oficina, a trabalhar em carros.

Cratos era tudo o que Delphine tinha ouvido e mais ainda.

Que os deuses os ajudassem...

Se ele não os matasse aos dois, ela ficaria deveras surpreendida.

Fobos olhou de relance para Delphine, por cima do ombro.

— Ele está, sem dúvida, aqui.

A secretária franziu o sobrolho, ao desligar o telefone, e viu Cratos através da janela.

— Estão à procura do Jericho?

Fobos virou-se para ela.

— Quer dizer Cratos.

Ela apontou para o homem que Delphine fitava.

— Esse é Jericho Davis. Só está connosco há algumas semanas. Ele tem problemas com a lei ou algo assim? Se estiverem aqui para o intimar...

— Não. Nada disso. — Fobos dirigiu-lhe um sorriso quase encantador. — Somos velhos amigos.

A mulher semicerrou os olhos, desconfiadamente.

— Bem, se ele não se chama Jericho Davis, precisamos de o saber. Landry é muito picuinhas em relação à necessidade de as pessoas andarem na linha. Não aceita presos nem escumalha. Isto é um negócio respeitável e tencionamos mantê-lo assim.

Fobos ergueu as mãos.

— Não se preocupe, estou certo de que não é nenhum criminoso. Só preciso de falar com ele por um minuto.

A secretária fungou.

— Pensei que tinha dito que o conhecia.

— E conheço.

— Então como é que vai falar com um homem mudo?

Fobos virou a sua atenção para Delphine, que estava tão chocada quanto ele perante tal revelação.

Decerto Zeus não teria sido assim tão cruel...

Ela estava o quê? Louca? Claro que teria!

Sentindo-se doente com tal ideia, Delphine olhou de novo para o local onde «Jericho» se encontrava, a cabeça sob o capô de um outro carro. O que é que lhe teria sido feito, exatamente? Zeus privara-o da sua divindade, da sua vida e, muito provavelmente, da sua voz e de um olho.

Conseguir a sua ajuda parecia menos e menos provável a cada segundo que passava.

— Fica aqui — disse Fobos, levando a mão à maçaneta da porta que o levaria do escritório para a oficina.

Nisso, ela não via problema nenhum. Preferia enfrentar um leão raioso a tentar conquistar o favor de um homem que os deuses tinham lixado daquela maneira. Por que razão, nesta terra ou no além, haveria *aquela* homem de os ajudar?

Esperando pelo melhor, dirigiu-se à janela para observar Fobos. Fechou os olhos e abriu-se ao éter para que pudesse ouvir a conversa.

A oficina era ruidosa, repleta de sons mecânicos e com o rádio a tocar «Live Your Life» do T.I. Vários homens conversavam e diziam piadas enquanto trabalhavam. Um cantava a letra da música, desafinado, enquanto metia ar nos pneus de um *Jeep* vermelho.

Fobos fez uma pausa ao lado do *Dodge Intrepid* branco junto ao qual se erguia Cratos. Este ergueu os olhos de relance, e o seu rosto gelou um instante antes de voltar a baixar o olhar e continuar a trabalhar. Fobos aproximou-se.

— Precisamos de falar. — Cratos ignorou-o. — Cratos...

— Não sei o que estás a fazer aqui — disse um homem mais velho, num fato de macaco igual ao de Cratos, parando ao lado de Fobos —, mas estás a perder o teu tempo, a falar com o velho Jericho. O rapaz não consegue falar. — O homem abanou a cabeça. — Não que ele precise de falar. A forma como trabalha num carro é pura magia. — O homem olhou para os outros e riu. — A tentar falar com o Jericho... — Outros risos juntaram-se ao dele, antes de se afastar para trabalhar no *Jeep* junto ao qual estava o tipo a cantar.

— Jericho — tentou Fobos, mais uma vez. — Por favor, dá-me um minuto do teu tempo.

Se o olhar matasse, Fobos ter-se-ia transformado numa memória distante. Jericho virou a chave inglesa na mão antes de se dirigir a outro carro.

Fobos olhou de relance para Delphine, que encolheu os ombros em resposta. Ela não sabia como persuadi-lo.

Suspirando, Fobos seguiu-o.

— Vá lá, eu...

Jericho atirou-se a ele tão depressa que Delphine nem se apercebera que ele se tinha movido até Fobos ser atirado para cima do capô de um carro e imobilizado por uma mão na garganta.

— Vai-te foder e morre, sacana pútrido — rosnou na antiga língua grega dos deuses, ao mesmo tempo que martelava, furiosamente, a cabeça de Fobos contra o capô.

Todos os mecânicos que ouviram o seu rosnido profundo pararam para olhar para ele.

— Raios me partam — disse um afro-americano alto e magro. — Afinal, ele consegue falar. Alguém sabe que língua era aquela?

— Russo?

— Nah. Eu acho que era alemão.

— *Man* — disse o rapaz mais jovem, puxando o braço de Cratos. — Vais fazer uma mozza do capô e, quando isso acontecer, ser-te-á descontado do ordenado.

Com uma careta, Cratos tirou Fobos de cima do capô, como se fosse uma boneca de trapos. Fobos reboiou através de meia oficina, antes de conseguir parar.

Com um ar abalado, Fobos levantou-se. Quando falou, continuou a usar a língua dos deuses, para que os humanos não os compreendessem.

— Precisamos da tua ajuda, Cratos.

Ao passar por Fobos, Cratos bateu com o ombro no de Fobos, fazendo com que este fizesse um esgar de dor e esfregasse o braço. Regressou ao *Intrepid*.

— Cratos morreu.

— És o único...

Cratos rosnou-lhe.

— Estás morto para mim. *Todos* vocês estão. Agora sai.

Delphine projetou os seus pensamentos para Fobos.

— Devo intervir?

— Não. Não acho que fosse ajudar. — Fobos virou-se para Cratos.

— O destino do mundo inteiro está nas tuas mãos. Não queres saber?

O olhar selvagem que Cratos lhe dirigiu dizia que não. Bem, isso, e que queria que Fobos fosse para o Tártaro e apodrecesse por lá.

Delphine suspirou. O que é que iam fazer agora? Precisavam do deus do poder. Um deus que pudesse ir buscar a sua energia à Fonte original para combater o mais maléfico dos seres. Sem Cratos, não tinham a menor hipótese de derrotar Noir e o seu exército de Skoti.

O homem mais velho aproximou-se de Cratos.

— Afinal, de que país é que vens?

Cratos ignorou-o e regressou ao seu trabalho em silêncio.

Fobos avançou para se colocar ao seu lado.

— Zeus está disposto a perdoar-te pelo que fizeste. Está a oferecer a tua divindade de volta. Precisamos desesperadamente de ti.

Como Cratos continuava a recusar-se a responder, Fobos soltou um suspiro frustrado.

— Olha, compreendo porque é que estás zangado. Mas a vida do meu irmão está em risco. Se não me ajudares, o Noir *vai* matá-lo.

Cratos não pestanejou, continuando a trabalhar.

Um dos músculos do maxilar de Fobos estremeceu.

— Como queiras. Quando o mundo acabar e todos estiverem mortos, lembra-te que eras o único entre nós que o poderia ter impedido.

Cratos continuou a ignorá-lo. Fobos virou-se e regressou para junto de Delphine.

Delphine ficou à espera que Cratos reconsiderasse e impedisse a partida de Fobos. No entanto, parecia ter sentido cada palavra que dissera. Ele não queria saber.

Até ela, que não tinha mais do que emoções entorpecidas, tinha mais sentimentos do que os que aquele homem mostrava.

— Estamos tramados — disse Fobos num tom desesperado, quando regressou para junto dela. — Talvez nos devêssemos juntar à outra equipa antes que eles nos transformem a todos em cinzas.

Delphine dirigiu um olhar sem esperança para o homem que permanecera na oficina.

— Talvez eu deva tentar.

Fobos abanou a cabeça.

— Não há como chegar até ele. Já não é possível ajudá-lo.

— Posso tentar contactá-lo nos seus sonhos, esta noite. Aí não será capaz de fugir de mim.

Fobos não lhe disse que não o fizesse, mas o seu olhar reiterava o facto de que pensava que Delphine estava a perder o seu tempo.

— Queres apoio?

— Acho que serei mais eficaz sozinha.

Fobos fungou.

— Boa sorte. Se precisares de mim, ficarei de prevenção.

Delphine olhou de relance para Cratos, uma vez mais. Estava a trabalhar, mas ela viu a agonia no seu olho solitário. Era tão profunda e cortante que fez com que sofresse por ele...

Como era estranho ter aqueles sentimentos. No entanto, nada significavam. Delphine tinha uma missão a cumprir.

Vemo-nos esta noite. E não tencionava falhar, de todo.

JERICHO parou, ao ver, na mão, o óleo que cobria a tatuagem que fizera para esconder as palavras de condenação que a sua própria mãe lhe gravara a ferro e fogo na pele por ordem de Zeus. Recordações antigas trespassaram-no uma vez mais, ao pensar na forma como os Olímpicos se tinham virado contra ele.

E tudo porque se recusara a assassinar uma criança. Fechando os olhos, recordou com toda a clareza aquele momento definidor. O pequeno casebre... os gritos da deusa, implorando misericórdia.

— Mata-me a mim, não o meu bebé, por favor! Pela saúde de Zeus, o bebé é inocente. Farei qualquer coisa.

Apertara a criança com mais força, determinado a cumprir o seu dever. O pai do bebé aproximara-se dele pelas costas. No entanto, o deus da dor, Dolor, alcançara-o e abatera-o perante a deusa que tão desesperadamente tentara salvar a sua família.

O único pecado daquele bebé fora o seu nascimento.

E, ao olhar para o seu rosto pequeno e ingénuo, o bebé sorrira-lhe, inconsciente do que se estava a passar, e ele hesitou.

— Mata-o — vociferou Dolor.

Cratos desembainhara o seu punhal para lhe cortar a garganta. Rindo, o bebé estendera as mãos para ele, os seus olhos tremeluzindo com fogo e alegria, enquanto agarrava, com os dedos minúsculos, a sua mão enorme.

Por isso, ele fizera a única coisa que lhe era possível. Usara os seus poderes para adormecer o bebé, depois levara-o em segredo e entregara-o a uns camponeses para que o criassem.

Um momento de compaixão.

Uma eternidade de vergonha, abusos e aviltamentos.

Agora atreviam-se a pedir-lhe um favor, depois de tudo o que lhe tinham feito. Tinham perdido coletivamente o juízo.

E Cratos não queria saber deles.

— Então, meu — disse Darice, aproximando-se dele. — Porque é que não nos disseste que eras capaz de falar?

Porque falar com Darice poderia conduzir a uma amizade. E, se ele cometesse esse erro, Darice morreria mesmo à sua frente. Brutal e desapiadadamente.

Zeus tirara-lhe tudo.

Por isso, ignorou Darice, continuando a desaparafusar o alternador que precisava de ser substituído.

Darice emitiu um som de desagrado.

— Como queiras. Pelos vistos és bom de mais para te relacionares connosco.

Eles que pensassem assim. Era muito mais fácil do que tentar explicar uma verdade que jamais aceitariam. Ele estava sozinho neste mundo. Como sempre.

Darice afastou-se para ir trabalhar no *Toyota* que dera entrada mais cedo. Ele e Paul brincaram alegremente, enquanto se dedicavam a despejar o radiador e a meter tampas novas.

Jericho tinha acabado de retirar o alternador quando uma sombra se abateu sobre ele. Erguendo os olhos, deparou-se com o dono da oficina, Jacob Landry. Baixo e rechonchudo, Landry tinha um cabelo grisalho que começava a rarear e um par de gananciosos olhos azuis.

— Ouvi dizer que houve um problema contigo, há bocado.

Jericho abanou a cabeça, negativamente.

— Hum, hum. A Charlotte também me disse que consegues falar. Isso é verdade?

Cratos acenou.

— Rapaz, porque é que me tentas mentir? Eu disse-te, quando te contratei, que não alinho nessas tretas. Se queres trabalhar aqui, entras a horas, deixas a tua vida pessoal em casa e não me dás respostas tortas nem me mentes. *Comprende?*

— Sim, senhor — disse ele, tentando não deixar transparecer qualquer hostilidade na sua voz. Odiava estar reduzido a arrastar-se perante idiotas como aquele, só para poder comer. — Não voltará a acontecer, Mr. Landry. Prometo.

Landry espetou-lhe um dedo com força no ombro.

— É melhor que não volte.

Jericho apertou a chave inglesa com mais força, desejando oferecer a Landry uma amostra daquilo de que era capaz. Tempos houvera em que teria esventrado qualquer um que se lhe dirigisse naqueles modos. Já para não falar de alguém que se atrevesse a tocar-lhe sem ser convidado. Antes de ter iniciado a sua vida humana, todos os que entravam em contacto com ele tremiam de medo perante o seu poder e a sua severidade.

Landry, no entanto, era um tiranete. Apreciava aquele poder minúsculo que detinha sobre as pessoas que para ele trabalhavam. Só se sentia bem consigo mesmo quando estas imploravam pelo seu sustento.

Por muito que a situação lhe desagradasse, Jericho precisava daquele emprego. À medida que o mundo se ia tornando mais moderno,

também se ia tornando mais difícil encontrar pessoas que lhe criassem uma identidade falsa a um preço razoável e que estivessem dispostas a ajudá-lo a viver à margem do sistema.

A outros imortais fora permitido acumular riqueza, mas também isso estava fora do seu alcance. Sempre que tentava poupar, nem que fosse um dólar, Zeus roubava-lho. Uma catástrofe a seguir à outra.

Tal era a sua existência, há tantos séculos, que já nem se dava ao trabalho de os contar.

Ele não era nada e não voltaria a ter nada. Nem sequer a sua dignidade.

Suspirando, regressou ao trabalho, odiando-se a si próprio e à sua vida.

Podias mudar isso...

As coisas tinham de estar más para que Zeus enviasse alguém para pedir a sua ajuda.

Podias voltar a ser um deus...

O sonho desse pensamento atormentou-o. Era tentador, não fosse por uma coisa. Teria de olhar para os rostos dos seres que lhe tinham voltado as costas e abandonado àquele estado patético. Todos aqueles sacanas o tinham ignorado.

Todos eles.

Ou, pior, tinham-no torturado.

Todas as noites. Durante milhares de anos, os Dolofoni — os filhos das Fúrias — e os deuses dos sonhos tinham-no visitado e matado. E, todas as manhãs, ele ressuscitava para prosseguir com a sua existência miserável, recomeçando onde tinha parado na noite anterior.

Uma e outra vez. Sangrento e violento. Por muito que tentasse lutar contra eles, não tinha poderes para isso. Eles agarravam-no, alegremente, e espancavam-no ou cortavam-no para maximizar a dor da sua sentença. Todos os órgãos do seu corpo tinham-lhe sido arrancados tantas vezes que a dor estava gravada no seu ADN. Temia a chegada da noite e o horror que traria consigo.

Ainda na noite anterior, dois deles tinham-lhe arrancado o coração... Outra vez.

Contas feitas, jamais perdoaria o que lhe tinha sido feito. De que lhe importava que algo estivesse a ameaçar o mundo? Se o mundo acabasse, pelo menos alcançaria alguma paz.

Talvez assim morresse de vez.

DELPHINE regressou ao Olimpo para poder passar o resto do dia a investigar o seu mais recente alvo. Durante horas, observou-o a trabalhar sozinho. Enquanto os outros homens brincavam e riam uns com os outros, ele mantinha-se fechado em si mesmo. Amargamente só. De vez em quando, Delphine via-o a erguer os olhos para os outros homens e para a camaradagem existente entre eles com um brilho de desejo tão forte que a fez sofrer.

Os outros ignoravam-no como se ele fosse invisível.

Às seis e meia foi-se lavar, depois de os restantes já o terem feito e estarem de saída. Tirou o fato de macaco, enfiou-o numa coçada mochila preta, de pano, que atirou para cima de um ombro e partiu numa moto de aspeto antigo.

Parou, por breves instantes, numa pequena mercearia de esquina, onde comprou um pão, pasta de frango, um romance de bolso e um *pack* de seis cervejas. Sem falar com nenhuma pessoa, pagou, enfiou tudo na mochila e seguiu para casa, um minúsculo apartamento só com um quarto, cozinha e casa de banho. O edifício estava de tal forma degradado que até o chão de linóleo raspado e lascado fazia uma cova no meio. Delphine perguntou-se como é que o edifício ainda não tinha desabado sobre ele.

Aquela só podia ser a coisa mais deprimente que ela alguma vez vira.

Não havia qualquer peça de mobiliário. Nem uma, nem mesmo uma televisão ou um computador. Cobertores gastos tinham sido presos às janelas como se fossem cortinas e a cama não era mais do que um saco-cama puído, pousado no chão, e uma almofada tão velha e espalmada que mais valia não a ter. Ao lado, estavam mais um par de sapatos, uma pequena pilha de roupas e um velho casaco de malha.

E mais nada.

Delphine sentiu o coração apertado, enquanto ele abria uma cerveja, lavando, em seguida, o fato de macaco no lavatório antes de o pendurar a secar na casa de banho degradada. Passando a mão pelo cabelo, regressou à cozinha — que não tinha fogão e apenas um velho frigorífico imundo — para fazer uma só sandes com o pão que ficara esborrachado dentro da mochila. Comeu em silêncio, sentado no seu saco-cama, a ler o seu livro.

De quando em vez, erguia os olhos, expectante, perante um qualquer som súbito. Depois de se assegurar de que não era nada, regressava à sua leitura.

Pouco depois da meia-noite, suspirou e fitou o teto.

— Onde diabo andam vocês, idiotas? Estão com medo ou quê?

Cratos esperou, como se estivesse, de facto, a contar com uma resposta. Com um olhar furioso, despiu a *t-shirt* de alças, revelando um peito repleto de cicatrizes de batalha, mas que eram de tal forma irregulares e rasgadas que pareciam estar situadas no local onde os seus órgãos vitais lhe tinham sido violentamente arrancados do corpo.

— Como queiram — disse ele, a voz carregada de nojo —, mas não façam demasiada porcaria. Estou farto de ter de limpar o sangue logo pela manhã. E não me deem cabo do livro! Gostava de o terminar, ao menos por uma vez. — Depois, apagou as luzes e foi dormir.

Sozinho e numa solidão absoluta.

Com quem estivera ele a falar?

Enlouqueceu devido ao castigo... Hefesto avisara-a em relação ao seu delicado estado mental. Obviamente, o deus estava certo.

Delphine ficou sentada, na escuridão, esperando que Cratos atingisse a fase do sono que lhe permitiria sonhar — o que demorou uma eternidade, já que ele parecia estar a lutar contra o sono. Era como se estivesse à espera que alguém o atacasse e quisesse estar alerta quando isso acontecesse.

Enquanto esperava, tudo o que Delphine desejava era poder confortá-lo e nem sequer compreendia porquê. Nunca antes sentira uma compulsão como aquela.

Provavelmente porque sabia como era sentir-se isolada do mundo — é verdade que não tanto quanto ele, mas ainda se lembrava dos sentimentos desoladores da sua antiga vida. Durante a sua juventude, vivera entre os humanos e julgara ser um deles. Mesmo nessa altura, sabia que havia nela algo de diferente. Nunca sentira as emoções como os outros humanos as sentiam.

Só ao chegar à adolescência é que os seus poderes se manifestaram plenamente. Tivera tanto medo de ser vítima de rejeição ou hostilidade por parte da família e dos amigos que escondera tudo e não falara a ninguém sobre os seus sonhos vívidos e sobre os seus poderes assustadores.

Até o Predador de Sonhos Arik ter aparecido nos seus sonhos e lhe ter explicado quem e o que era na verdade. Explicou-lhe que a mãe fora seduzida por um deus do sono, o que resultara no seu nascimento.

Até àquele dia, devia a sua sanidade a Arik. Este fora o único a explicar-lhe como os Oneroi — os deuses do sono — tinham sido criados para ajudar a humanidade durante os seus sonhos. Noite após noite, visitara-a e treinara-a, até ela se ter revelado capaz de controlar os seus poderes. E, depois de a ter ensinado a canalizá-los, levou-a para a ilha Desaparecida, onde vivia a sua espécie, e apresentara-a aos outros deuses.

Durante séculos tinham sido amigos.

Embora Arik tivesse acabado por se transformar num Skoti — maléficos deuses dos sonhos que se aproveitavam dos seres humanos enquanto estes dormiam — continuara a sentir-se grata pela sua orientação. De tal forma que nunca o perseguira no reino dos sonhos para lutar contra ele, como fizera com outros Skoti.

Cratos, contudo, não tinha ninguém que o protegesse...

Um facto que se tornou brutalmente claro, passado um instante, quando o ar à sua volta se agitou. Delphine preparava-se para entrar, mas um sexto sentido dizia-lhe que não o fizesse.

Algo mau estava prestes a acontecer.

Conseguia sentir a sua maldade. O poder violento correu-lhe pela coluna, dolorosamente, e deixou-a gelada.

Num abrir e fechar de olhos, uma das mais mortíferas de todas as

criaturas materializou-se sobre a forma adormecida de Cratos. À primeira vista, Azura parecia pequena e frágil. Mas as aparências podem ser enganadoras. Verdadeiro coração do mal, era mais mortífera do que qualquer outra criatura, com exceção do irmão e da irmã. O cabelo, os olhos, as pestanas e os lábios eram brancos como a neve. Envergando um *top* de alças e umas calças de cabedal preto, ajoelhou-se ao lado de Cratos.

Delphine tentou transportar-se para o quarto, mas não conseguiu.

Azura olhou para trás, por cima do ombro e sorriu, como se soubesse que Delphine a podia ver.

— Vão morrer todos — disse, baixinho, antes de tocar no braço de Cratos.

Este acordou, pronto para o combate.

Azura desviou-se das mãos dele.

— Acalma-te, Titã. Não estou aqui para te magoar.

Cratos imobilizou-se quando se viu na presença de um dos deuses originais do universo. O único problema é que ela era o mal concentrado. É certo que não era tão sinistra como o irmão, Noir, ou a irmã, Braith, mas não lhes ficava muito atrás.

— O que estás a fazer aqui?

Ela sorriu.

— Tu sabes porque é que aqui estou, bebé. Vim fazer-te uma oferta que não vais querer recusar.

Cratos fez uma careta.

— Não estou interessado em lutar pelos deuses.

Azura deu-lhe uma palmadinha suave no rosto.

— Queridinho, subestimaste-nos demasiado. — Ela baixou a mão, levando-a ao braço dele.

Cratos silvou de dor, quando as palavras que a sua própria mãe aí gravara arderam como fogo. A agonia foi de tal forma violenta que não era capaz de se mexer. Não era capaz de respirar. Queria empurrá-la para longe, mas até isso era impossível.

Azura sussurrou na primeira língua do universo e, enquanto o fazia, Cratos sentiu que a sua vontade se perdia. A sua visão se apagava.

Depois a dor desapareceu e o seu coração ficou tão vazio quanto o pardieiro a que chamava casa.

— Segue-nos, Cratos, e servirás à direita dos senhores. Mais ninguém voltará a ser capaz de te transformar.

Cratos queria recusar, mas a parte do seu coração que resistia estava fechada e selada. Em vez disso, viu todos os séculos do seu sofrimento. Sentiu as humilhações por que tinha passado, a começar com Zeus a prendê-lo ao chão com os seus relâmpagos.

Enquanto filho da Arte da Guerra e do Ódio, queria a sua vingança. Não, ardia por ela.

— Vem comigo, Cratos, e obrigaremos Zeus a implorar por misericórdia.

— Vivo num mundo onde, quando algo parece demasiado bom para ser verdade, nunca o é.

Azura dirigiu-lhe um sorriso doce, reconciliador.

— Não desta vez. Terás todo o poder que desejas. Todo o dinheiro que possas imaginar. Nunca mais terás de te arrastar perante um patrão que desprezas. Nunca mais serás torturado no plano humano. Nunca mais terás de lutar contra os deuses que te condenaram a isto. — Azura inclinou-se para lhe sussurrar ao ouvido. — Vingança...

Vingança.

Azura tocou no rosto dele com o seu.

— Toma a minha mão, Cratos, e levar-te-ei para longe desta miséria, para um local onde nunca mais te faltará nada.

Não faças isso. Havia mais qualquer coisa para além do que ela lhe estava a dizer. Havia sempre. Ele sabia-o, bem lá no fundo e, no entanto, enquanto ali estava deitado, tudo o que via era o passado. O infundável ciclo de miséria que Zeus lhe tinha dado.

Quanto mais não fosse, pelo menos Azura matá-lo-ia e acabaria com o seu sofrimento.

Cratos não tinha nada por que viver. Nada.

Morrer era fácil. Fizera-o todas as noites durante milhares de anos. Mas conseguir um minuto de liberdade, em relação ao que fora a sua vida... Aceitá-lo-ia.

Fixando o olhar ardentemente no dela, Cratos acenou afirmativamente.

— Sou teu.

Rindo, Azura tomou-lhe a mão.

— Então vem, meu guerreiro precioso. Lancemos o fogo e a destruição sobre os olímpicos e os humanos. Começou a derradeira guerra.